



## A IMPORTÂNCIA DOS ESPORTES ALTERNATIVOS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### THE IMPORTANCE OF ALTERNATIVE SPORTS FOR THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION

MATOS, Marcelo da Cunha<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo objetiva discutir sobre a importância dos esportes alternativos nas aulas de Educação Física Escolar. Para isso, abordou-se um breve histórico da inserção dos esportes nas escolas, marcada por crises e conflitos dentro do meio acadêmico. Este estudo comprometeu-se também em criar uma definição para o termo "Esportes Alternativos", algo ainda pouco problematizado como um conceito dentro da Educação Física. Por fim, este artigo busca elucidar os benefícios pedagógicos que tais esportes proporcionam nas aulas, trazendo uma experiência de casos: um plano de unidade aplicado para o 5º ano do Ensino Fundamental no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ).

**PALAVRAS-CHAVES:** Esportes alternativos; Cultura corporal; Pedagogia do esporte; Repertório motor; Qualidade de vida.

#### ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of alternative sports in School Physical Education classes. For that, a brief history of the insertion of sports in schools, marked by crises and conflicts within the academic environment, was approached. This study also undertook to create a definition for the term "Alternative Sports", something still little problematized as a concept within Physical Education. Finally, this article seeks to elucidate the pedagogical benefits that such sports provide in class, bringing an experience of cases: a unit plan applied to the 5th year of elementary education at the Institute of Application Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ).

**KEYWORDS:** Alternative sports; Body culture; Pedagogy of sport; Repertory motor; Quality of life.

#### INTRODUÇÃO

O ensino da Educação Física nas escolas brasileiras passa por diversos conhecimentos denominados cultura corporal, no qual está incluída a prática e a

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) / Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. e-mail: [prof.marcelomatos@gmail.com](mailto:prof.marcelomatos@gmail.com)



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

reflexão sobre os esportes, lutas, ginásticas, jogos, atividades rítmicas, expressivas e o conhecimento sobre o corpo, conforme aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999). Recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (2017) apresentou aprendizagens mínimas e essenciais para a Educação Física para a Educação Básica. Documentos como esses, ainda que possam suscitar possíveis inovações e discussões para a área, não demonstram suplantam a ideia de que os esportes ainda são os elementos mais presentes e que mais legitima a Educação Física dentro das instituições escolares (DARIDO, 2003). Logo, apenas alguns esportes dominam o cenário escolar nas escolas brasileiras, conhecidos popularmente entre professores, estudantes e acadêmicos de Educação Física como o “quadrado mágico”<sup>2</sup>, referindo-se ao ensino do Futsal (ou Futebol), Voleibol, Basquetebol e Handebol.

Mas, afinal, apenas esses esportes conseguem contemplar a cultura corporal? Mesmo com o avanço nas discussões sobre a área da Educação Física Escolar, por que não se consegue suplantam o ensino desses esportes?

Buscamos problematizar tais indagações apresentando os Esportes Alternativos como possibilidade de intervenção neste leque heterogêneo da cultura corporal. O intuito é mostrar que existem novas e variadas opções a fim de promover e ampliar a cultura corporal, fomentar o interesse do corpo discente pela disciplina, aumentar o repertório motor e explorar também múltiplas dimensões de um indivíduo.

Para isso, o presente artigo iniciará com um breve histórico sobre o fenômeno esportivo e sua inserção nas escolas. Mais do que isso, apresentaremos uma definição do termo ‘Esportes Alternativos’, sua justificativa de inserção no currículo da Educação Física Escolar e as vantagens que esta nova temática pode proporcionar ao corpo discente.

### **BREVE PROBLEMATIZAÇÃO DO FENÔMENO ESPORTIVO NAS ESCOLAS**

Embora o esporte seja um fenômeno anterior, ele ganha força nas escolas a partir do pós-guerra (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Com o advento do Regime Militar, a partir da década de 60, o Brasil observou a ascensão do esporte à razão do Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na planificação estratégica do governo (DARIDO, 2003), investindo na ideia da Educação Física tornar-se uma ferramenta eficiente para os seus anseios ideológicos. O corpo tinha uma concepção instrumental. Desse modo, a intenção era a busca por corpos saudáveis e mais habilidosos.

Durante esse período, que ocorreu entre 1964 e 1985, tivemos eventos esportivos vultosos, destacando-se as Copas do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. As instituições escolares, mesmo já tendo solidificado os esportes em seus espaços, não conseguiam formar atletas para a nação como era vislumbrado. Isso é um exemplo simples que mostra que o ideal militar de corpo, esporte e Educação Física estava afastado da realidade escolar brasileira.

<sup>2</sup> Ver trabalhos de OLIVEIRA et al, 2012; OLIVEIRA et al, 2016; MACHADO et al, 2016.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

Após este período, tal relação causava reações, surgindo movimentos que buscavam romper com este caráter ideológico-militar e exclusivamente biológico. Dentre as mais destacadas podemos citar abordagens pedagógicas denominadas: desenvolvimentista<sup>3</sup>, construtivista<sup>4</sup> e crítico-superadora<sup>5</sup> (DARIDO, 2003). Essas, inclusive, fazem-se muito presentes nas discussões sobre o ensino de Educação Física até os dias atuais, ocupando uma quantidade expressiva de trabalhos acadêmicos dentro da área e influenciando a formação de professores desde o início da década de 1980 (MATOS, 2016).

Com o advento de tais abordagens, as discussões sobre o fenômeno esportivo ficaram polarizadas. "O esporte se tornou um vilão a ser combatido" (SCAGLIA e REVERDITO, 2016, p. 44). Em nossa dissertação de mestrado (MATOS, 2013), analisamos artigos acadêmicos renomados da área que entendiam que as vertentes higienista, militarista, desenvolvimentista e construtivista eram vistas como 'interditadas' dentro Educação Física. O que estaria 'autorizado' a ser feito era a produção de uma Educação Física que criticava os esportes de maneira técnica, porém tais obras não demonstraram propostas para ultrapassar a referida crítica. Essa era uma limitação da produção dita 'inovadora'.

Outros autores como, por exemplo, Stigger, Vaz e Lovisolo (*apud* SCAGLIA e REVERDITO, 2016) também buscaram problematizar tal discussão, trazendo para o debate o bom senso de se perceber que dentro do esporte há mazelas e virtudes, "corrigindo os excessos provenientes de um discurso exacerbado e reforçando outros pontos que devem continuar a engendrar tensões permanentes" (SCAGLIA e REVERDITO, 2016, p. 44).

Nos extremos desses polos de discussão, temos, em um polo, a Educação Física olhada pelo viés biológico e, no outro, a área pela perspectiva cultural. O que aparentemente pode parecer um distanciamento, deve ser analisado como um contínuo entre os dois polos que busca manter este corpo problematizado como objeto da Educação Física, chancelando o seu lugar na escola (MATOS, 2014). E o mais essencial no momento é dar ao corpo que pratica o esporte um tratamento pedagógico. Afinal, o esporte pode ser problematizado tanto pelo viés biológico quanto pelo olhar cultural.

Entretanto, o que vemos ainda é um esporte inserido na escola pelo seu caráter meramente competitivo e de alto rendimento, o que tende a excluir os menos habilidosos. Isso é uma questão discutida há muitos anos dentro da Educação Física. Bracht (1992) já dissertava sobre este problema, afirmando que o que se vê é o "esporte na escola" e não o "esporte da escola".

Neste cenário, considero profícuo discorrer sobre a Pedagogia do Esporte<sup>6</sup>, uma vertente que tem ganhado espaço a partir do século XXI com o intuito de dar esse

3 Para mais informações, ver obras de Tani et al (1988) e Manoel (1994).

4 Para mais informações, ver Freire (1989).

5 Para mais informações, ver Coletivo de autores (1992)

6 Sobre isso, ver Reverdito & Scaglia, 2009.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

caráter pedagógico tão necessário. “Nessa concepção, os movimentos esportivos não são meros gestos motores, e sim ações carregadas de desejos, sentidos e significados, podendo ser analisados somente no contexto mais amplo das ações humanas” (SCAGLIA, 2014, p. 2).

O educador deve entender os conhecimentos teórico-práticos dos esportes, suas formas de intervenção, seus significados e finalidades. O desafio posto é de garantir e expandir as possibilidades para todos, sem exclusão, um direito fundamental das crianças e jovens (SCAGLIA e REVERDITO, 2016).

Além disso, LOPES *et al.* (2016, p. 29) lembra bem que

sendo um fenômeno polissêmico, o esporte se apresenta por várias dimensões na sociedade, fato que poderia ser discutido no interior da escola, no entanto, percebe-se que é o esporte de alto rendimento que tem determinado as práticas de esporte no interior da escola, fator que tem se mostrado restritivo para a efetivação de práticas inovadoras no que diz respeito ao ensino sobre o esporte.

## **ESPORTES ALTERNATIVOS: O QUE SÃO?**

Neste bojo da discussão, propomos entender a importância e a capacidade de intervenção dos esportes alternativos. É possível encontrar a expressão “esportes alternativos” entre trabalhos na área da Educação Física. No entanto, este termo não traz consigo uma definição sobre ele, remetendo-se apenas a serem uma alternativa para as aulas de Educação Física, ultrapassando aquilo que é convencional dentro das escolas.

Mas afinal, o que os autores se referem como esportes alternativos? Baseado em que referência um esporte pode ser denominado uma alternativa a outros? O que uma pessoa entende como alternativo, outra não necessariamente pode entender da mesma forma. Desse modo, buscamos problematizar este termo e trazer uma definição que traga elucidações mais objetivas e concretas.

Os Esportes Alternativos e a sua inserção nas aulas de Educação Física das escolas ainda não são um tema tão recorrente dentro das discussões acadêmicas. Daí, surge a necessidade de descortinar<sup>7</sup> ainda mais tal objeto. Em estudos, artigos em periódicos, resumos em congressos etc, é possível encontrarmos trabalhos que o abordem. Em alguns deles, é usado outro termo como, por exemplo, “esportes não tradicionais” (LOPES et al, 2016), para designar os esportes alternativos, podendo ser

7 Desde 2018, o projeto de extensão “Ciência e Capacitação em Educação Física (Cicaef), composto por alguns professores de Educação Física do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) e do Colégio de Aplicação da UFRJ promove um curso de capacitação denominado “Esportes Alternativos” para estudantes e professores de Educação Física que atuam na rede pública e privada do Rio de Janeiro. Nele, foram apresentados alguns esportes de invasão, tais como Tchoukball e Flag Football, e esportes de raquete, Zaccaro ball e Beach tennis. Uma iniciativa que tem fomentado o interesse entre profissionais da área para novas práticas corporais esportivas.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

entendido como sinônimo. Vemos também artigos e monografias que problematizam sobre um esporte específico trabalhado nas aulas de Educação Física, tais como Slackline (KILIM, 2019), Badminton e Mini tênis (LABIAK *et al.*, 2018), Capoeira (MELO, 2012), Tchoukball (SINOTTI, 2018; RIVERA & PEREIRA, 2019; PAIVA & KLEHM, 2016), entre outros.

Há estudos que abordam os esportes alternativos de outras maneiras como, por exemplo: na preocupação em estimular o corpo discente numa mudança de postura e conduta, assim como mobilizar o interesse na prática e vivência corporal (LIMA & SILVEIRA, 2007); nas dificuldades encontradas por professores para aplicarem esportes alternativos (SILVA & VERONEZ, 2015); entendendo-os como uma prática motivadora (RODOY & BRANDL, 2016); como recurso possível para as aulas, além dos esportes institucionalizados (COSTA & NASCIMENTO, 2006); e em novos saberes do professor de Educação Física (KOGUT & SILVA, 2009).

Fermino & Fermino (2018) em um trabalho<sup>8</sup> recente, embora não tivessem como objetivo definir o que seria "Esportes Alternativos", afirma que tal expressão consiste em "esportes não tradicionais, ou pouco populares em nosso país, ou mesmo jogos não explorados no campo profissional e midiático".

Concordamos com esta minuta de definição que os referidos autores vislumbraram a fazer, assim como tantas outras afirmações que eles fizeram como, por exemplo, que não há um consenso na área da Educação Física sobre quais modalidades esportivas venham a ser alternativas. Decerto, temos muitas aproximações sobre este tema. Porém, entendemos que é necessário ainda mais expandir e desenvolver estas ideias a fim de elucidar uma melhor definição e entendimento do que realmente seriam os esportes alternativos. Afinal, quais modalidades seriam alternativas?

Sendo assim, defendemos a ideia de que é possível incluir neste grupo denominado "Esportes Alternativos" aquelas práticas que têm como características: a pouca visibilidade na mídia e o uso de materiais mais especializados e diferenciados.

Sobre a pouca visibilidade na mídia, é notório perceber o uso do esporte como espetáculo (BETTI, 2004). Nesse cenário, os esportes veiculados entre os diversos meios de comunicação são aqueles que geram retorno dos mais diferentes tipos. O esporte na televisão ou, como define Betti (2004), na "janela de vidro", tornou-se um produto. E são esses poucos produtos que dominam o tempo e espaço na mídia. Até mesmo nos canais especializados de TV a variação é pouca. A visibilidade, por exemplo, de esportes como a Capoeira, Tênis de mesa, Peteca, Badminton é ínfima<sup>9</sup> e se restringem a momentos pontuais.

No que tange aos materiais especializados e diferenciados, este é um dificultador para implementar certos esportes nas escolas, pois são implementos

<sup>8</sup> Apresentado em formato de pôster na VII Seminário de Metodologia de Ensino da Educação Física da Universidade de São Paulo (USP), ocorrido entre os dias 12 e 13 de julho de 2018, na Faculdade de Educação da USP.

<sup>9</sup> Até mesmo, entre aqueles que fazem parte do "quadrado mágico", há discrepância. O Handebol, por exemplo, mesmo sendo corriqueiro nas escolas brasileiras, é pouquíssimo televisionado.



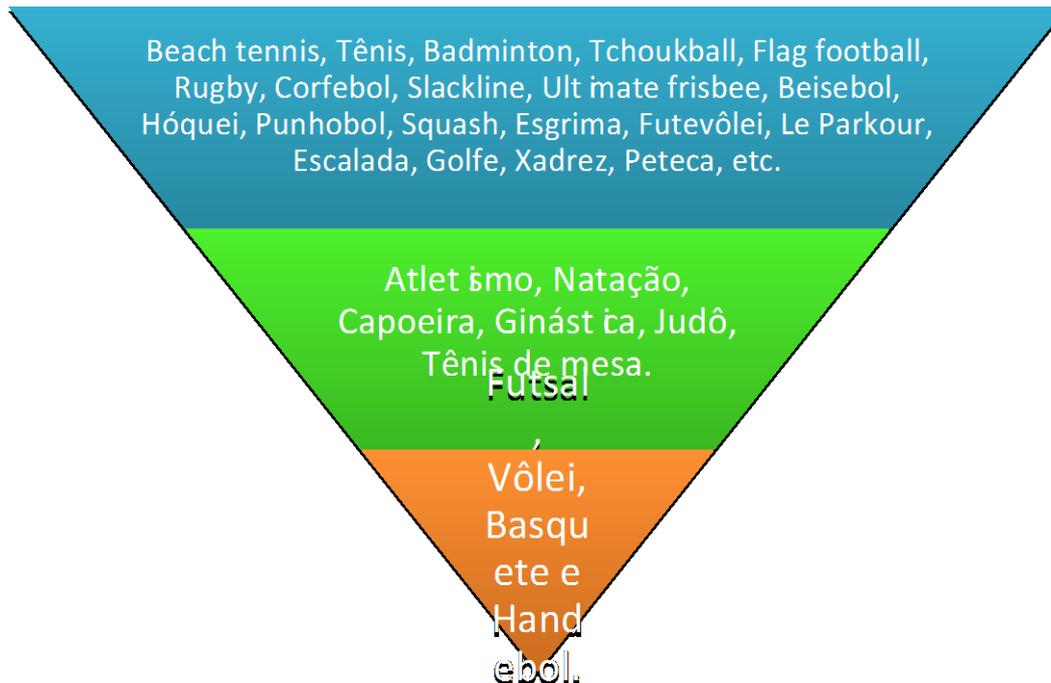
DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

(raquetes, colchões, roupas, instrumentos, etc.) que tendem a ser caros, de difícil acesso à sua prática e ao seu manuseio. Muitos deles, também, não possuem espaços físicos apropriados dentro das instituições. Logo, opta-se por outros esportes, deixando esses de lado. São os casos do Tênis, Judô, Slackline, Skate, esportes aquáticos em geral, entre outros.

Outro fator também muito importante é o contexto sociocultural. Afinal, existem manifestações culturais (e neste estudo entende-se os esportes como fenômenos culturais construídos por grupos sociais) que são desconhecidas por certas sociedades. E, por meio delas, podemos possibilitar a ampliação de práticas inovadoras nas aulas.

Assim, cabe ao professor apresentar novas culturas, disseminando, problematizando e ampliando o repertório aos seus alunos. Exemplo: o Tchoukball (esporte suíço), o Corfebol (esporte holandês), o Rugby (esporte inglês) e o Futebol Americano. Até mesmo, certos esportes tipicamente brasileiros podem ser apresentados, tais como a Peteca, o Frescobol e o Futevôlei.

Para ilustrar a hierarquia em que os esportes se encontram dentro da Educação Física Escolar, apropriamo-nos da figura geométrica piramidal<sup>10</sup>. Através desta forma, é possível criar uma análise sobre como poucos esportes encontram-se na base esportiva escolar e, cada vez que nos afastamos dela, muitos esportes surgem em seu topo. É o que definimos como uma pirâmide escolar esportiva inversa (PEEI). Vide imagem a seguir.



Pirâmide escolar esportiva inversa (PEEI).

10 A pirâmide “empresta” a sua forma para reflexões como a pirâmide etária e a pirâmide nutricional. Neste caso, sua alusão também se torna necessária para expor uma inversão da necessidade que os estudantes precisam ter acerca dos esportes nas escolas.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

Ao invés de termos dentro das escolas uma base robusta e ampla a fim de fomentar e abranger uma maior cultura corporal para os estudantes, vemos o contrário, isto é, uma base fraca e curta, que restringe a ampliação da cultura corporal nas aulas de Educação Física.

## **A IMPORTÂNCIA DOS ESPORTES ALTERNATIVOS PARA AS AULAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Cabe ao professor de Educação Física buscar estratégias para mudar a realidade que a pirâmide nos demonstra. A inclusão dos esportes alternativos possibilita uma inversão desta pirâmide, encorpando a sua base. Para que isto ocorra, deve-se ter clareza sobre a importância e os benefícios que os esportes alternativos podem gerar à Educação Física Escolar.

No que se refere aos benefícios pedagógicos, a inserção de atividades inovadoras nas aulas possibilita uma maior atração do corpo discente. Fermino e Fermino (2018) indicam um estudo que assinalou resultados positivos em escolas públicas do Brasil com a intervenção de esportes alternativos e não convencionais.

Tal atrativo, por si só, já é um ganho gigantesco, uma vez que essa inserção dentro da Educação Física Escolar proporciona exercitar consideravelmente as habilidades motoras dos alunos. Novas formas de arremessar, saltar, correr, agachar, rolar, posicionar-se diante de adversários e táticas etc. Uma gama variada de movimentos – com ou sem implementos – que estimulam a ampliação do repertório motor de um indivíduo em formação.

Outro benefício que devemos evidenciar é, também, o estímulo da autonomia por uma melhor qualidade de vida. Afinal, quanto mais oferecermos práticas corporais aos estudantes e as problematizarmos, geraremos opções para eles tomarem a escolha da melhor atividade física que julgarem mais viável a sua realidade. Esta apresentação é de fundamental importância para um sujeito autônomo e atento a realidade que o cerca.

Além dos aspectos motores, acrescentamos ainda como benefícios a possibilidade do corpo discente conhecer novas culturas corporais de movimento que não são de conhecimento do senso comum, assim como desmistificá-las em caso de estranhamento. Por exemplo:

um estudo a cerca de esportes não tradicionais na educação física escolar identificou que existem concepções equivocadas por parte dos alunos acerca de esportes como futebol americano e beisebol, pois os alunos relacionam tais esportes a violência e agressividade apenas, principalmente pela forma que são veiculados pela mídia (FERMINO & FERMINO apud LOPES, *et.al.*, 2018, p. 4).

Municiado por essas reflexões, no ano letivo de 2019, foi proposto ao corpo discente do 5º ano do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) explorar, em um plano de unidade da disciplina de Educação Física, o tema 'Esportes Alternativos'.

Inicialmente, discutimos com os alunos do que se trata o termo "alternativo" e, em seguida, sua relação com os esportes. De maneira simples e fácil, os alunos puderam chegar a conclusão que Esportes Alternativos são atividades esportivas que não são comuns dentro da sua escola.

Posteriormente, listamos alguns esportes que poderiam ser classificados com alternativos. Dentre diversas respostas, chegamos a uma lista daqueles que poderiam ser possíveis aplicar na realidade da escola. Afinal, nem todos os esportes alternativos podem ser praticados em todas as escolas como, por exemplo, esportes aquáticos, por não haver piscina em suas instalações. Sendo assim, o grupo de alunos, mediado pelos professores, chegou a lista de esportes listada abaixo:

- ✓ Tchoukball
- ✓ Flag football
- ✓ Badminton
- ✓ Corfebol
- ✓ Bocha

Por se tratar de um colégio de aplicação, tal plano de unidade teve a habitual parceria dos licenciandos em Educação Física da Universidade, como requisito parcial para a disciplina de Estágio Supervisionado. Foram eles, inclusive, que ministraram boa parte das aulas aos alunos, supervisionado pelos docentes do Instituto.

Ao final dos dois meses de aula referente a este plano de unidade<sup>11</sup>, pudemos observar a curiosidade e o engajamento do corpo discente. Todos ávidos pelas novas modalidades e engajados em participar delas. Naturalmente, houve uma dificuldade motora na execução desses novos movimentos, uma vez que não fazia parte do repertório motor de muitos deles. Tal evidência não foi um empecilho para o dinamismo das aulas, sendo superada pela ludicidade das atividades construídas.

Um fato interessante nesta experiência foi a surpresa dos licenciandos ao serem apresentados ao referido plano. Eles não imaginavam que estagiariam em meio a uma proposta inovadora, tampouco tiveram qualquer contato com essas modalidades durante a graduação. Mais um benefício pedagógico à proposta, uma relevância acadêmica aos futuros professores de Educação Física.

Embora não seja o objetivo principal deste artigo, vale ressaltar e lançar olhares mais profundos e outros estudos sobre como a formação do professor precisa ser repensada e ressignificada. Afinal, para a formação de um professor de Educação Física é necessária saber todas as modalidades esportivas? Ou mais importante é entender o fenômeno esportivo em sua essência? Ou mais: não seria mais importante aprender

<sup>11</sup> Foram aproximadamente 16 tempos de aula, sendo dois por semana.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

a ensinar? Mais importante do que o conteúdo em si, são as habilidades esperadas a serem trabalhadas no indivíduo.

## CONCLUSÃO

Como foi apresentado por este artigo, o esporte é uma manifestação que, dentro das escolas ao longo de décadas, passou por grandes tensões e polêmicas, explanadas por diversos autores da área.

Longe de negá-lo, o esporte deve ser entendido como mais um objeto de intervenção pedagógica a serviço da Educação Física e seu caráter educacional precisa ser potencializado por educadores. A Pedagogia do Esporte é uma vertente importante para essa análise e compreensão do problema.

Desse modo, apresentar os esportes alternativos no bojo dessa discussão torna-se uma possibilidade para valorizar o fenômeno esportivo, agregar conhecimento, ampliar o repertório motor e a cultura corporal dos estudantes, além de despertar ainda mais o interesse pela disciplina escolar Educação Física. Torna-se imperativo explorar esse tema no currículo escolar por meio de Planos de Unidade em diversos momentos da Educação Básica.

Conceituar os esportes alternativos dentro das discussões acadêmicas é uma necessidade frente ao desequilíbrio no que tange a oferta de esportes nas escolas brasileiras. São poucos esportes apresentados em âmbito escolar, em face da diversidade de práticas existentes. É o que definimos como uma pirâmide escolar esportiva inversa. Vislumbro que tal pirâmide torne-se mais forte em sua base com a apresentação de mais modalidades **às crianças e** aos jovens. Afinal, este termo – Esportes Alternativos – só se faz necessário, tendo em vista a monotonia da Educação Física Escolar Brasileira. Caso fosse mais diversificado não haveria motivos para se fazer tal compartimentação.

## REFERÊNCIAS

BETTI, *A Janela de vidro: Esporte, Televisão e Educação Física*. São Paulo: Papyrus, 1998.

BRASIL. *Secretaria da Educação Fundamental*. Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 1999.

\_\_\_\_\_. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf) Acesso em: 22 jun. 2020.

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997. 122 p.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

COLETIVO DE AUTORES, *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. Prática pedagógica de professores de educação física: conteúdos e abordagens pedagógicas. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v. 17, n. 2, p. 161-167, 2. sem. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3336>. Acesso em 31 de janeiro de 2019.

DARIDO, S. C. *Educação Física na Escola: Questões e Reflexões*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2003.

FERMINO, P. H. D.; FERMINO, R. S. A inclusão do tema esportes alternativos em aulas de Educação Física na rede pública de ensino do estado de São Paulo. In: *Anais VII Seminário de Metodologia de Ensino da Educação Física*. USP. Jul/2018. Disponível em: [http://www.gpef.fe.usp.br/semef2018/Poster/es/pamela\\_fermino.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/semef2018/Poster/es/pamela_fermino.pdf). Acesso em 25 de janeiro de 2019.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Ed. Scipione. 1989.

KILIM, K. S. S. et al. Slackline na escola: para o desenvolvimento do equilíbrio dinâmico e estático. *Redes - Revista Interdisciplinar do IELUSC*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 139-146, jun. 2018. ISSN 2595-4423. Disponível em: <http://revistaredes.ielusc.br/index.php/revistaredes/article/view/7> Acesso em: 31 jan. 2019.

KOGUT, M. C.; SILVA, E. O. Os saberes do professor de Educação Física. In: *Anais IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*. PUC-PR. 26 a 29 de outubro de 2009.

LABIAK, O. et al. Deportes alternativos bádminton y mini tenis: experiencias en el contexto de la escuela media. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, v. 22, n. 236, p. 32-36, 15 jan. 2018.

LIMA, D. F.; SILVEIRA, D. C. Esportes alternativos: uma abordagem crítico emancipatória no contexto escolar. In: *IV Congresso Científico Latino-Americano da FIEP*. Fiep Bulletin; v. 77, 2007. ISSN: 2412-2688. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/4020> Acesso em 25 jan 2019.

LOPES, J. C. et al. O ensino sobre os esportes não tradicionais na educação física: uma experiência a partir do PIBID. REMAS - *Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde*. V. 6, n. 3, p. 29-30, Out/2016.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

MACHADO, R. T. M. Educação física escolar: a perspectiva do esporte na ótica da cultura corporal. In: *VI Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC)*. PUC-PR. 14. 15 e 16 de Dezembro de 2016.

MANOEL, E. Desenvolvimento motor: implicações para a educação física escolar I. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 8, n. 1, p. 82-97, 20 jun. 1994.

MATOS, M. C. Sentidos de Educação Física nos currículos de Pedagogia da UFRJ (1992-2008). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013. 129 p.

\_\_\_\_\_. *Educação Física e Pedagogia: um diálogo curricular*. Rio de Janeiro: Agbook. 2014.

\_\_\_\_\_. Os sentidos de Educação Física na escola e seus impactos na formação do professor. *Revista e-Mosaicos*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 41-52, 2016.

MELO, V. T.. A capoeira na escola e na Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 37, p. 190-199, maio 2012.

OLIVEIRA, M. R. F et al. O esporte na formação de professores de Educação Física: realidade e possibilidades das disciplinas esportivas do CEDF/UEPA. *Lecturas Educación Física y Deportes* (Buenos Aires), Ano 17, n. 171. 2012.

OLIVEIRA, A. L. et al. Professores de educação física e a produção dos saberes: em busca do fio da meada. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 19, n. 2, abr./jun. 2016.

PAIVA, N. S. F.; KLEHM, R. B. Tchoukball na escola: percepção dos alunos do ensino fundamental em relação ao esporte. In: *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. 2016; 21(s1):2-8 DOI: 10.12820/rbafs.v.22n1p2-8.

RIVERA, A. B. O.; PEREIRA, S. M. A importância das ações e reflexões esportivas nas aulas de educação física escolar na educação básica, com base no Tchoukball. *Associação Brasileira de Tchoukball*. Disponível em [http://www.tchoukball.esp.br/site/admin/mod\\_galeria\\_eventoscont/arquivos/BRAMBILLA,%20ATHUR\\_TCC.pdf](http://www.tchoukball.esp.br/site/admin/mod_galeria_eventoscont/arquivos/BRAMBILLA,%20ATHUR_TCC.pdf). Acesso em 28 jan 2019.

RODOY, T. R.; BRANDL, C. E. H. Esportes alternativos como prática pedagógica motivadora na educação física escolar. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE. Versão Online. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_edfis\\_unioeste\\_tanialeticorodoy.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edfis_unioeste_tanialeticorodoy.pdf) Acesso em 25 jan 2019.

REVERDITO, R. S., SCAGLIA, A. J. *Pedagogia do Esporte*. São Paulo: Phorte, 2009.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.43613

SCAGLIA, A. J. A Pedagogia do esporte e as novas tendências metodológicas. *Revista Nova Escola*. Jun/2014. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/246/a-pedagogia-do-esporte-e-as-novas-tendencias-metodologicas>. Acesso em 26 jan 2019.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. Perspectivas pedagógicas do Esporte no Século XXI. In: *Educação Física e Esporte no Século XXI*. Campinas: Papyrus. 2016.

SILVA, L. F.; VERONEZ, L. F. C. Obstáculos para o desenvolvimento de esportes alternativos na opinião de professores da cidade de Pelotas, RS. *Lecturas Educación Física y Deportes* (Buenos Aires), Ano 20, n. 207, Agosto de 2015.

SINOTTI, S. Pedagogia do esporte na educação física escolar: o jogo Tchoukball como facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Monografia de conclusão do curso de Educação Física. *Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL)*. 2018.

TANI, G. et al. *Educação física escolar: fundamentos para uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.

*Recebido em 29 de junho de 2019*

*Aceito em 06 de agosto de 2020*



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.